

A aventura Bastide-Lagache

The Bastide-Lagache adventure

Agnès Lagache*

Para Madeleine

Quem éramos nós? Errantes, transeuntes do espírito.

Madeleine Bastide experimentou o domínio da ação farmacodinâmica das altas diluições, acumulado um imenso saber, e ainda mais intuições, e numerosas experimentações – interpretáveis na moldura mecanicista do pensamento científico clássico – que lotavam seus armários.

Eu vinha me arrastando, em minha formação, numa filosofia não menos clássica, incômoda no pensamento analítico e na lógica tão aristotélica de nossa cultura européia, como se estivesse vestindo um casaco rígido demais, lento demais, e buscava, através da lógica, da matemática, da estética, da psicanálise, por vias mais diretas que me dessem, finalmente, a impressão de falar da realidade viva, do espírito em movimento, do corpo em ação. Encontrei a homeopatia e foi como que “reconheci” um modo operativo que eu podia praticar intuitivamente, sem, por isso, torná-lo consciente... Tarefa sobre a qual eu me debrucei; escrevi um livro, sozinha no meu canto, e o joguei como uma garrafa ao mar, para um público inexistente; até que a garrafa chegou às margens do Laboratório de Imunologia de Montpellier. Madeleine me chamou, conversamos por duas horas, e esse diálogo continuou sem interrupções durante os 20 anos seguintes.

O que buscávamos? Feliz aquele que pode dizer exatamente o que busca: é porque já o achou. Nós queríamos entender. Madeleine também queria agir, convencer, forjar ferramentas de cura. Queríamos compreender o ser vivo e suas qualidades.

Como dizia Madeleine, havíamos “cruzado nossos cérebros”. Não estávamos, necessariamente, sem cessar em relação. Por vezes, havia grandes *brainstormings*; outras vezes, cada uma estava presa por meses em suas ocupações profissionais. Mas sempre era a mesma coisa: a cada reencontro, cada uma havia evoluído ao longo de um mesmo fio; a biologia e a filosofia vinham se reencontrar e se esclarecer, a aventura continuava. Era, também, um temível exercício de interdisciplinaridade; precisávamos traduzir nossas intuições ou proposições na língua da outra; cada uma devia aceitar se despojar de seu saber e suas palavras quando a outra “retraduzia” na língua de sua disciplina o que a outra havia trazido; cada uma devia, ao mesmo tempo, confiar totalmente na outra e verificar toda idéia nova em sua coerência biológica ou filosófica. E, certamente, não mais sabíamos quem havia sido a primeira a falar disto ou daquilo, não havia mais ego.

Nosso tandem às vezes seduziu, muito freqüentemente exasperou, sempre perturbou. Não tínhamos medo dos riscos, nem a menor intenção de achar qualquer limite em um ou outro conformismo intelectual, nem necessidade de glória, mas, sim, necessidade dos amigos que havíamos achado e que nos haviam ajudado. Antes de desaparecer, Madeleine disse: “Trabalhamos bem”. Eu acrescentaria:

To Madeleine

Who were we? Passerbies, wanderers of the spirit.

Madeleine Bastide had been testing for years on the field of the pharmacodynamical action of the high dilutions, had accumulated immense knowledge and even more intuitions, and none lesser were the experimentations, non interpretable within the mechanistic framework of the classica scientific thought, which filled the closets.

I was dragging my feet in my training in a no less classic philosophy, uneasy about the analytical thought and the Aristotelic logic of our European culture, as if dressing a too rigid, too slow coat, and was looking, through logic, through mathematics, through esthetics, through psychoanalysis, for more direct ways that would finally give me the impression of talking about a living reality, the spirit in motion, the body in action. I found homeopathy by chance, and it was as if I “recognized” an operative mode that I could practice intuitively, without, however, making it conscious... A task I devoted myself to; I wrote a book, alone in my corner, and threw it as a bottle into the sea, to an inexistent public: nobody recognized it, until the bottle landed at the shore of the Immunology Laboratory at Montpellier. Madeleine called me, we talked for two hours, and the dialogue continued uninterruptedly for the next twenty years.

What were we looking for? Happy he/she who can say what he/she is looking for: it is because he/she has already found it. We wanted to understand. Madeleine wanted also to act, to convince, to forge healing tools. We wanted to understand the living beings and their qualities.

As Madeleine would said, we had “crossed our brains”. We were not, necessarily, in continuous relation. Sometimes, there were brainstormings, at other times, each one was caught for months in her professional occupations. But it was always the same: at each meeting, each one had evolved along the same thread; biology and philosophy came to meet and clarify reciprocally, the adventure would continue. It was also a dreadful exercise in interdisciplinarity; each one needed to translate her intuitions or propositions into the language of the other; each one had to agree to divest from her own knowledge and words when the other would “retranslate” into the language of her discipline what the other had brought; each one had, at the same time, to trust completely the other and to verify each new idea in its biological or philosophical coherence. And, certainly, we no more knew who had been the first to talk on this or that, there was no more ego.

Our tandem at times would seduce, very frequently exasperated, always more or less disturbed. We were not afraid of the risks, and we had the least intention of finding any limit whatsoever in some intellectual conformism or another, nor need of glory, but, yes, we needed the friends we had found and who had helped us. Before disappearing, Madeleine said: “We worked well”. I would add: “We had a lot of fun”.

* Filósofa PhD, Lycée Carnot, Paris, culturahomeopatica@escoladehomeopatia.org.br.

“Foi muito divertido”. Madeleine me sacudiu, me arrastou por todos os congressos do mundo; estimulada, aberta, ela me transmitiu a vida que emanava dela em todos os registros. Eu me sentia tão amiúde como o pobre Diógenes, percorrendo Atenas em pleno dia, sua lanterna acesa na mão “Quem tem perguntas? Talvez eu tenha respostas...”. Ela fez por mim o que ninguém fez nem jamais fará: ela precisava do que se passava na minha cabeça. Ela remexia o meu cérebro e provocava a resposta por meio de sua pergunta. Minhas idéias extravagantes adquiriam um sentido, uma forma real.

Construímos um saber, frágil, inacabado, discutível, mas vivo e funcional. Nossa posição epistemológica jamais consistiu em explicar o funcionamento da homeopatia. Nosso trabalho constitui uma teoria interpretativa que não pretende responder à pergunta “O quê é?”, mas apenas fornecer molduras de pensamento dentro das quais se possa compreender e trabalhar o “como isso acontece”. Devo dizer que me é totalmente indiferente essa limitação intrínseca, porque não acredito que a boa ciência jamais tenha feito outra coisa. À força de entender que se pode descrever a mesma realidade em muitos conjuntos paradigmáticos diferentes, tornamo-nos necessariamente construtivistas... Isso nos torna modestos; portanto, é bom para o espírito.

Ao mesmo tempo em que rejeitávamos a aplicação de conceitos forçados para as coisas sobre os seres vivos, que não são coisas, construíamos conceitos próprios para enquadrar uma imagem mais fiel da vida: o ser vivo não se define em si mesmo por sua substância, mas por suas trocas; só pode ser compreendido como uma totalidade na medida em que o conjunto dos fenômenos de intercâmbio interno e externo é mais determinante para ele que sua composição puramente físico-química, que, aliás, resulta deles; de modo que os processos mais determinantes de seu comportamento tanto físico, quanto químico, são processos de informação; no universo dessa informação, a distinção entre identidade e similitude é fundamental, ao mesmo tempo afim e exógena; ela só existe como constituída pela capacidade do leitor de receber, ela não é uma coisa em si; os seres vivos não vivem no tempo regular e reversível do mecanismo, mas num tempo irreversível, do qual evento nenhum, “história” nenhuma podem ser subtraídos.

Desse corpus conceitual, brevemente resumido aqui, saíram regras de aplicação, das quais Madeleine Bastide deu uma imagem consistente em sua última conferência. Eu me sentiria incômoda para falar disso, porque não é mais o centro do meu domínio, mas me parece, por exemplo, que a distinção de níveis da ação informativa (mitriditização, hormese, isoterapia, aplicação do princípio de similitude) deveria ser sistematicamente aplicada na interpretação dos resultados experimentais, se tivermos a ambição de compreender alguma coisa.

Enfim, esse trabalho tem prolongações e apostas. A aposta filosófica essencial é de ordem ética e política: só podemos compreender algo sobre o ser vivo respeitando suas condições; de nada serve experimentar no cadáver; isso torna-se, todavia, uma regra científica: a experimentação só pode informar se estiver construída sobre o modelo real de funcionamento do objeto estudado que, além do mais, depende mais do sujeito; a famosa “testabilidade” popperiana não é absoluta, ela deve responder, de início, a esta condição. Nessa perspectiva, nosso trabalho leva a uma filosofia pluralista e temporal. Sobre esse fundo, Madeleine tinha intuições formidáveis acerca de outra maneira de se abordar a questão da origem e evolução da vida; o que nelas as moléculas sozinhas não podem fazer, o ritmo e a informação podem.

A continuar.

Madeleine shook me, dragged me through all the congresses in the world, even when I was ill, translated into English, stimulated, open, she transmitted to me the life that emanated from her at all levels. I would often feel like that poor Diogenes, crossing Athens in the daylight, lantern turned on in his hands “Who has questions? Perhaps I have answers...” She did to me what no one ever did nor will do: she needed what was in my mind. She would rummage in my brain as a handyman who rummages in his reserves, in order to find the exact screw he needs. She provoked the answer through her question. My extravagant ideas would get a meaning, a real shape.

We build knowledge: fragile, unfinished, debatable, but alive at functional.

Our epistemological position never was to explain the workings of homeopathy. Our work was to build an interpretative theory which does not pretend to answer to the question “what is?”, but only to supply thinking frameworks within which the “how this happens” may be understood and worked upon. I must say that I am totally indifferent to such intrinsic limitation, as I do not believe that good science has ever done something different. By understanding that a same reality may be described in many different paradigmatic ensembles, we become necessarily constructivists... This renders us modest, thus, it is good to the spirit.

While we rejected the application on the living beings of the notions built for things, we built our own concepts to frame a more trustworthy image of life: living beings are not defined in themselves by their substance, but by their exchanges; they can only be understood as totalities, inasmuch as the set of phenomena of external and internal exchange is more determinant to them than their purely physico-chemical composition which, by the way, results from them; thus, the process determinant of their physical and chemical behaviour are rather information processes; in the universe of this information, the distinction between identity and similarity is essential, at the same time closely connected and exogenous; it only exists as it is constituted by the ability of the reader to receive, it is not something in itself; the living beings do not live in the regular and reversible time of mechanisms, but in an irreversible time, from which no event, no “history” can be subtracted.

From this conceptual corpus, here shortly summarized, rules of application emerged, a consistent image of which was painted by Madeleine Bastide in her last lecture; I would feel ill at ease if talking about this, as it is not anymore the core of my field, but it seems to me, for instance, that the distinction among levels of informative action (mithridization, hormesis, isotherapy, application of the principle of similarity) ought to be systematically applied into the interpretation of experimental results if we aspire to understand anything at all.

Finally, this work has prolongations and bets. The essential philosophical bet is of ethical and political nature: we may only understand something regarding the living beings if we respect their conditions; it is useless to experiment on dead bodies; this becomes, moreover, a scientific rule: experimentation may only inform if it is built open the real model of working of the object under study that, by the way, depends rather on the subject; the famous “testability” of Popper is not absolute, it must fulfill this condition from the beginning. From this perspective, our work leads to a pluralist and temporal philosophy. On this background, Madeleine had formidable intuitions concerning another way to approach the issue of the origin and evolution of life; of what molecules alone cannot do, but rhythm and information can.

To be continued.